

Introdução

Aquilo que se conhece dos centros produtores romanos algarvios é, ao que tudo indica, uma pequena parcela daquilo que era uma complexa rede de povoamento e exploração de recursos na época romana. Esta complexidade carece de investigações específicas, de forma a poderem identificar-se as redes de relações entre centros de exploração marinha e centros oleiros (FABIÃO, 2004). Contudo, o complexo do Martinhal parece corresponder a um modelo de instalação bastante diferente.

Apesar de já muito se ter escrito e discutido sobre as produções Lusitanas, principalmente no que diz respeito aos centros produtores do Tejo, e Sado (ALARCÃO e MAYET, 1990), o centro oleiro do Martinhal, alvo de várias intervenções ao longo dos últimos 20 anos, sofre ainda de grandes lacunas no que diz respeito aos dados conhecidos, pelo facto de o conjunto de ânforas dali recolhidas nunca ter sido estudado de forma sistemática.

As ânforas lusitanas devem ser olhadas globalmente, embora demonstrando a influência de modelos exteriores, como a evolução da indústria conserveira e do comércio (*idem*).

A necessidade de conhecer e caracterizar as produções cerâmicas do centro oleiro do Martinhal (Almagro 50, Almagro 51 ab e Almagro 51 c e aff Beltrán 65a), no que diz respeito à sua evolução formal, surge não só da necessidade de responder a simples questões paleotecnológicas mas também de aprofundar o conhecimento dos aspectos socioeconómicos destas comunidades, como o grau de influência deste centro produtor na Lusitânia romana e no mundo romano.

Tendo em conta a já comprovada capacidade de produção de ânforas no Martinhal, presume-se que esta se destinava a vários locais e não seria apenas uma resposta às necessidades das cetárias locais. Assim sendo, uma das questões principais é saber se as ânforas produzidas no Martinhal são distintas morfologicamente das ânforas lusitanas produzidas em outros locais coevos, como no Tejo e Sado. Ou seja, apresentam as ânforas do Martinhal características distintas de todas as outras? Os dados provenientes desta interrogação, permitem aferir algumas conclusões de índole económica, como saber se as ânforas achadas noutros locais do mundo romano são originárias do Martinhal.

O presente trabalho pretende estudar a colecção anfórica do Martinhal, constituída por 1024 fragmentos de ânfora - dos quais 467 fragmentos são de bordos ou fundos - dando continuidade aos já existentes trabalhos, não publicados, da autoria de T. J. Gamito e R. H. Whitehead. O objectivo primordial deste trabalho é, essencialmente, perceber a evolução das tipologias anfóricas no contexto deste centro criador ao longo do seu período de produção activa. Permitindo aferir semelhanças e disparidades formais entre produções deste e outros centros produtores, enquadrando-o no quadro mais geral da economia e produção da cerâmica romana e preparados de peixe no Algarve e no contexto do ocidente romano, procurando, deste modo, perceber o alcance geográfico e importância deste centro produtor entre os séculos II e V d.C.

Tentando cumprir os objectivos propostos decidiu-se dividir o presente trabalho em 6 capítulos. Um primeiro que corresponde ao enquadramento geral, e sem grande aprofundamento, da Lusitânia romana e particularmente da área do actual Algarve nessa época. Um segundo capítulo pretendeu abordar o estado da questão no

que diz respeito ao estudo das ânforas romanas. A terceira parte do trabalho, pretende fazer uma síntese de toda a investigação feita no Martinhal até à data, tanto a nível de escavações, como de publicações. Dentro deste mesmo capítulo, abordam-se as 2 fases históricas do sítio, conhecidas com segurança, do sítio, assim como as principais estruturas e elementos que as caracterizam, fazendo também, uma abordagem superficial dos vestígios cerâmicos não anfóricos e dos restantes. Finalmente, o capítulo dedicado às ânforas corresponde à quinta parte deste trabalho, e faz um enquadramento geral, seguido de um subcapítulo que trata os fabricos, outro as formas.

Por último, esboçam-se algumas sugestões e retiram-se algumas inferências dos dados recolhidos e propõem-se medidas e acções que se consideram de grande utilidade e interesse para a evolução do conhecimento das produções cerâmicas na região algarvia e da exploração de recursos marinhos em época romana, que podem contribuir para uma visão muito mais coerente e segura do panorama económico do sul da Lusitânia romana, área que, pelas suas características, tem parecido aos investigadores, destacar-se em alguns temas, das restantes áreas desta província do Império.